

O MISTÉRIO DO MAL: UM PRÉ-TEXTO AO PROBLEMA ÉTICO QUE DECORRE DA EXISTÊNCIA DO MAL NO MUNDO SEGUNDO PAUL RICOEUR

Douglas Carré*

Resumo: Este estudo apresentará o problema do mal articulado na reflexão de Paul Ricoeur em cinco níveis: o nível do mito, o estágio da sabedoria, o estágio da gnose e da gnose antignóstica, o estágio da teodiceia e o estágio da dialética quebrada, com o intuito de ser um pré-texto, um texto anterior à discussão ética que decorre da existência do mal.

Palavras-chave: O mal. Ética. Ricoeur. Hermenêutica.

The Mystery of Evil: a Pre-text to Ethical Problem Which Results from Existence of Evil in the World by Paul Ricoeur

Abstract: This study will present the problem of evil articulated in Paul Ricoeur's reflection into five levels: the level of myth, the stage of wisdom, the stage of gnosis and anti-gnosis, the stage of theodicy and the stage of broken dialectics, with order to be a pre-text, a previous text to the ethical discussion that arises from the existence of evil.

Keywords: The evil. Ethic. Ricoeur. Hermeneutics.

Considerações iniciais

Todo o itinerário filosófico de Paul Ricoeur é, em última análise e sem nenhum exagero, motivado pela preocupação ética. É possível constatar, em suas obras e publicações, de modo explícito ou implícito, a forma como a questão ética constituiu, para ele, uma preocupação teórica constante. Ainda que não encontremos nele tratados de ética ou de moral como os clássicos Aristóteles, Spinoza, Kant ou, até mesmo, Nietzsche, podemos afirmar, sem dúvida nenhuma, que as obras seguintes formam um conjunto de temas e de reflexões

* Mestrando em Filosofia pela USFM – Fenomenologia e Compreensão. Graduado em Filosofia pela PUCRS e em Teologia pela FAPAS. E-mail: douglascarre@hotmail.com

pertinentes ao campo da ética: *Philosophie de la volonté* (1950), *Amour et justice* (1990), *Soi-même comme un autre* (1991), *Le juste 1* (1995) e *Le juste 2* (2001). No clássico *Soi-même comme un autre*, Ricoeur batiza, com humildade, “*Petite éthique*” aos quatro últimos capítulos deste livro, fazendo uma analogia à *Magna moralia* de Aristóteles.

É importante, antes de entrarmos, propriamente, na exposição do tema deste artigo, aclarar a distinção metodológica que nosso filósofo estabelece entre ética e moral. Apesar de que não se possa justificá-la quanto à etimologia e a história dos termos, Ricoeur estabelece a seguinte diferença significativa, que permite associar as duas principais fontes da filosofia do ocidente: a perspectiva *teleologica* de Aristóteles e a *deontologica* de Kant: “É, portanto, por convenção que eu reservarei os termos ‘ética’ para a *perspectiva* de uma vida realizada (*accomplie*), e ‘moral’ para a articulação dessa perspectiva em *normas* caracterizadas ao mesmo tempo pela pretensão à universalidade e por um efeito de coação” (RICOEUR, 1991, p. 200). Manifesta-se nessa definição ricoeuriana a coexistência das duas heranças basilares, respectivamente marcadas, a primeira pelo ponto de vista aristotélico (a busca da felicidade) e a segunda pela perspectiva kantiana (o primado da norma e da obrigação). Ricoeur busca situar, entre as duas tradições, uma relação concomitante de subordinação e complementariedade. Deste modo o termo ‘ética’ passa a ser reservado para todo questionamento que precede a introdução da ideia de lei moral, e o termo ‘moral’, para tudo o que na ordem do bem e do mal se refere a leis, a normas e a imperativos.

Se a ética é uma das preocupações constantes de Ricoeur, perpassando toda sua monumental obra filosófica, o problema do mal também o é. Buscaremos, neste artigo, demonstrar como Ricoeur enfoca o mal como problema pré-ético, isto é, como um problema, em linguagem fenomenológica, eidético, ou, poderíamos dizer, como um dos problemas fundamentais e fundantes da ética. Este artigo quer ser então um pré-texto, um texto anterior à discussão ética que decorre da existência do mal. O presente estudo é, também, uma tentativa de dar as bases para uma posterior reflexão, que desejamos empreender, sobre as representações deste problema do mal no que toca, numa linguagem psicanalítica, o fantasma da culpabilidade e suas consequências nas neuroses obsessivas. Tomaremos como guia o artigo de Ricoeur titulado *O Mal: um desafio à filosofia e à teologia* (1988).

1 O mal

Paul Ricoeur vê o mal como um problema antropológico e situa a ação má como falibilidade humana, isto é, o homem, ser capaz de bondade, é também falível, inacabado e imperfeito, é capaz do mal. Este fenômeno, para Ricoeur, escandaliza, e por isso é necessário que seja enfrentado tanto no campo especulativo, como no prático e no dos sentimentos.

O problema próprio a Ricoeur é o da hermenêutica, isto é, da interpretação e do sentido, por isso ele interpreta a reflexão sobre o mal na história precedente, não se furtando a especular acerca das respostas historicamente já constituídas sobre o conceito de mal a que ele denomina de níveis de discurso na especulação sobre o mal.

Cinco são os níveis de discurso na reflexão sobre o mal indicados por Ricoeur e que iremos abordar neste artigo: o nível do mito, o estágio da sabedoria, o estágio da gnose e da gnose antignostica, o estágio da teodiceia e o estágio da dialética quebrada. Este percurso de investigação sobre o mal apresenta uma dimensão onto-teológica do problema, pois o problema do mal esta, necessariamente, conectado ao problema de sua origem, o que remete ao problema da existência de Deus e da, possivelmente contraditória, existência do mal.

Já no início de *O Mal: um desafio à filosofia e à teologia*, nosso filósofo parece priorizar a teodiceia para demonstrar a correlação entre a existência do mal e a bondade da criação, uma vez que o problema é colocado desta forma: “Deus é todo poderoso; Deus é absolutamente bom; contudo o mal existe” (RICOEUR, 1988, p.21). Este movimento de argumentação busca coadunar a bondade de Deus à existência do mal, ainda que o uso do termo *contudo*, seja justamente usado no sentido de *apesar de*. De qualquer forma o que Ricoeur salienta, na teodiceia, é justamente a impossibilidade de nossos recursos linguísticos e de reflexão de abarcar o problema do mal ao modo da não contradição à bondade de Deus. Ricoeur critica este posicionamento onto-teológico, haja vista o fato de que este posicionamento onto-teológico dado ao problema do mal o mascara, na medida em que o faz ser visto em relação à bondade e potência de Deus. A solução, para Ricoeur, é abordar o mal como fenômeno.

2 O nível do mito

O nível do mito, na reflexão sobre o mal, é o primeiro dos níveis de discurso. Ricoeur assinala este primeiro nível com a pergunta ontológica e, talvez, mais fundamental sobre o mal: De onde vem o mal? Ricoeur, como bom fenomenólogo, faz uma análise

fenomenológica do mal, e para tanto começa pela explicação mitológica fundante, isto é, a explicação mitológica que dá origem as posteriores interpretações do problema do mal.

Neste nível do mito, a primeira aproximação de Ricoeur é ao conceito *tremendum fascinosum* do teólogo protestante Rudolf Otto que, para nosso filósofo, expõe uma dualidade constitutiva entre a bondade da criação e o mal. O *tremendum fascinosum* é aquilo que, causando-nos assombro, nos prostra em sua reverência. Ricoeur compreende que neste conceito as proposições lógicas são resolvidas na dimensão do mistério, pois o conceito de Otto “confere ao mito o poder de assumir tanto o lado tenebroso como o lado luminoso da condição humana” (RICOEUR, 1988, p. 26).

No nível do mito o mal está condicionado à criação, faz parte dela. A elevação do mal é parte da antropogênese que se encaminha à cosmogênese. Esta elevação que possibilita ao mal ser assumido como cosmogênese se dá pela experiência da falibilidade humana, do mesmo modo como no fenômeno da culpabilidade. Ricoeur, em *The Symbolism of evil*, apresenta o mal como, primeiramente, um macular-se, uma culpa que surge de fora e da qual não se tem certeza quanto a sua origem, mas que mancha, macula e corrompe a pessoa tornando-a culpada e gerando nela o fenômeno da culpabilidade. Possuidora de uma culpa ela precisa se redimensionar para remediar-se sob as vistas da divindade.

Ricoeur percebe que o fenômeno do mal já se encontra latente no nível do mito e que seu fenômeno dá início à especulação sobre sua origem. A origem do mal, então, é indagada com o intuito de especular a gênese da própria falibilidade humana para, por fim, explicar o porquê da culpa.

Quanto à interrogação sobre a origem antropogênica do mal surgem respostas monistas, dualistas ou, até mesmo, mistas. No monismo Deus lança também o mal. No dualismo o mal é uma entidade apartada de Deus, como contradição. E na mista tem-se um Deus que permite a existência do maligno. No monismo o mal é apresentado como a mão esquerda de Deus. Um modelo de resposta dualista ao problema do mal é a luta entre Tiamat e Marduque nas águas primordiais é um modelo de resposta dualista. Das mistas o exemplo é o próprio de Santo Agostinho em que o mal existe como pecado original, mesclando a existência de um monismo de Deus e a existência de um mal original permitido por Deus. Assim o nível do mito explica a existência do mal através de mitos que tem por finalidade extinguir a questão da falibilidade e da culpabilidade dos homens.

Todavia, é através de seu lado folclórico que o mito recolhe o lado demoníaco da experiência do mal, articulando-a em uma linguagem. Inversamente, é por seu lado

especulativo que prepara o caminho às teodiceias racionais, acentuando os problemas de origem (RICOEUR, 1988, p. 28).

Assim sendo, os mitos acumulam as experiências pessoais de pecado, mancha e culpa que compõe o arcabouço fundante e estrutural das culturas. Se por um lado o mal é, então, consequência de fenômenos que constituem a própria estrutura histórica da pessoa frente ao mal, por outro, é o que radica a racionalização do problema do mal como possibilidade metodológica para a busca e compreensão de sua origem. Neste sentido a pergunta *de onde vem o mal?* é recolocada para que se busque sua resposta nos outros níveis de discurso na especulação do mal.

3 O estágio da sabedoria

O segundo dos níveis de discurso na reflexão sobre o mal é o estágio da sabedoria que, para Ricoeur, é um desdobramento do primeiro onde se insere a pergunta: “Será que o mito poderia responder de modo integral à esperança dos seres humanos agentes e sofridos?” (RICOEUR, 1988, p. 28).

O problema do mal é, assim, mais uma vez, posto em sua dimensão antropológica. Se no primeiro estágio se vê o assombro de uma pessoa frente ao *tremendum fascinosum* do sagrado, agora se vê a dupla dimensão da pessoa que pode ser agente do mal ou sofredora de um mal. Nesta fase Ricoeur dá evidência à pessoa sofredora como exemplo desse estágio e a lamentação, neste nível de discurso, toma um caráter especial, pois frente ao mal acometido a si nasce a lamentação em forma de pergunta: *por que eu?* Para Ricoeur, no estágio da sabedoria, a lamentação se transforma em queixa e adquire um caráter especial, pois o lamurio da dor questiona não só a si, indagando sua culpa, mas à divindade sobre a justiça do mal que lhe foi acometido, “aqui a lamentação se torna queixa: pede as contas à divindade” (RICOEUR, 1988, p. 28).

No estágio da sabedoria, para Ricoeur “torna-se necessário não só *contar* as origens, para explicar *como* a condição humana em geral se tornou o que ela é, mas *argumentando*, para explicar *por que* ela é assim, de modo diferente, para cada ser humano” (RICOEUR, 1988, p. 29). Portanto, no estágio da sabedoria, a origem não basta para elucidar o como da situação e, ainda, urge a pergunta fundamentalmente antropológica do *por que eu?* Para nosso filósofo, no estágio da sabedoria, a primeira explicação sobre o mal sofrido é a ideia de retribuição. Todo mal é fruto de um pecado individual ou coletivo, é a punição por um pecado conhecido ou desconhecido e todo sofrimento é merecido em uma ordenação moral. Seguindo

a construção histórica, Ricoeur pontua que “a resposta da retribuição não era satisfatória, a partir do momento em que uma certa ordem jurídica começava a existir, a qual distinguia os bons dos maus e se aplicava a medir a pena do grau de culpabilidade de cada um” (RICOEUR, 1988, p. 29).

O estágio da sabedoria, nos mostra Ricoeur, é um tipo de solução mista ao problema do mal, mas que por ser uma retribuição ao mal cometido, não responde ao sofrimento injusto, deixando sem resposta o *por quê eu?* da lamentação.

4 O estágio da gnose e da anti-gnose

O terceiro nível de discurso, na reflexão sobre o mal, é o da gnose e da gnose antignostica. Neste estágio Ricoeur mostra como a gnose aborda o problema do mal, quais são as suas contribuições à reflexão e como seu desenvolvimento culmina na teodiceia. O problema da gnose é, fundamentalmente, *unde malum?*

A gnose, para Ricoeur, possui uma visão estritamente moral do mal, “onde as forças do bem são engajadas num combate sem tréguas com os exércitos do mal, tendo em vista a libertação de todas as parcelas de luz rendidas cativas nas trevas da matéria” (RICOEUR, 1988, p. 31). Se o estágio da sabedoria abre a questão da bondade da criação ser irreconciliável com o mal, o que remete ao aspecto “jurídico” do Julgamento Divino, o estágio da gnose entende o mal como oposição. Para Ricoeur não é o objetivo da gnose se ater ao sofrimento, isto é, ao mal sentido por uma pessoa, mas ver o mal sob a ótica da moral. Em Agostinho o mal é tomado em aspecto não substancial, isto é, não é um ser, uma substância que possua existência. O que difere Agostinho das outras gnosés é que de um lado ele faz filosofia, excluindo o mal substancial, e de outro lança mão ao mito, fazendo exegese bíblica. Ao fazer essa distinção é que se recoloca o problema chave do mal, isto é, “*Unde malum?*” (de onde vem o mal?) Para Ricoeur, Agostinho pensa filosoficamente o mal e, uma vez que o mesmo não é substancial, ele não nos invade de fora como o símbolo da mancha, apresentado em *The symbolism of evil*, porém ele se apresenta como “uma distância ôntica entre o criador e a criatura” (RICOEUR, 1988, p.32). Desta forma podemos, em Agostinho, falar em uma deficiência do criado que Ricoeur chama de falibilidade e que marca a diferença ôntica entre criador e criatura, entre pessoa e divindade. O mal permite, portanto, que “criaturas dotadas de livre escolha possam ‘declinar-se’ longe de Deus e ‘inclinarem-se em direção ao que tem menos ser, em direção ao nada.” (RICOEUR, 1988, p. 32), o que seria também uma resposta ao agir mal. Deste modo a falibilidade humana, esta deficiência de ser, é a própria

característica que fundamenta a ação má, e é repassada a gerações posteriores, por transmissão.

Para Ricoeur, Agostinho faz uma análise precisa da insubstancialidade do mal, contudo equivoca-se ao trazer de volta o mito fundante à sua análise, pois trazer o mito adâmico de volta ao palco da existência do mal faz com que o mal seja algo inerente ao homem, excluindo assim a filosofia que pensa o homem como ação, como projeto. O mal em Agostinho condena o homem. Para Ricoeur a pergunta essencial da gnose - isto é, *unde malum?*, e, conseqüentemente, a negação de sua substancialidade - lança a questão do mal a uma visão exclusivamente moral, de onde se formula: “*unde malum fasciamus?* (de onde vem e por que fazemos o mal?)” (RICOEUR, 1988 p. 32). O que Ricoeur quer com essa interpretação é frisar a própria questão do livre-arbítrio. O mal, não possuindo substância própria, depende da pessoa para ser sentido, depende da pessoa para ser realizado e depende da pessoa para ser pensado.

Vê-se que o estágio da gnose colabora para a formulação do problema proposto por Ricoeur, na medida em que cria diretrizes de caráter pessoal, isto é, na moralidade, ou, no dizer de Ricoeur, na *petite éthique*.

A infelicidade, todavia, permanece aqui como um paradoxo. De onde vem a infelicidade? Para a gnose, vem do inclinar-se ao nada, isto é, ir ao que tem menos ser. A infelicidade é o mal acometido por culpa, o que reconduz ao aspecto mitológico, uma vez que o mal toma uma dimensão supra-individual e está “já lá”, antes do ato, antes da intenção. É devido ao problema da infelicidade injustificada que a gnose busca razão no mito do pecado original, que é o mal colocado “já lá”, porém de maneira racional. O mal é, então, agregado pela geração, em sua transmissão biológica, e ainda pela imputação individual de culpabilidade. A este mito racionalizado Ricoeur classifica como gnose anti-gnóstica: “O conteúdo da gnose é negado, mas a forma do discurso da gnose é reconstituída, isto é, a de um mito racionalizado” (RICOEUR, 1988, p.34).

5 O estágio da teodiceia

O quarto nível de discurso na reflexão sobre o mal é o estágio da teodiceia. Encontramos, neste nível, o desenvolvimento do pensamento com relação ao problema colocado por Ricoeur no estágio da gnose, isto é, o problema do sofrimento, porém ainda sem resposta a questão do sofrimento injusto. O estágio da teodiceia é o do racionalismo moral que culmina em uma ética da responsabilidade.

Para Ricoeur só se pode falar sobre teodiceia se se mantiver os seus princípios teológicos básicos.

Só se tem o direito de falar em teodiceia quando: a) o *enunciado* do problema do mal repousa sob proposições que visam a univocidade; é o caso das três asserções geralmente consideradas: Deus é todo-poderoso; sua bondade é infinita; o mal existe; b) o *fim* da argumentação é claramente apologético: Deus não é responsável pelo mal; c) os *meios* empregados devem satisfazer à lógica da não-contradição e da totalização sistemática (RICOEUR, 1988, p. 35).

Neste sentido tem-se um discurso que se faz além de teológico, também, filosófico, por sua pretensão a universalidade e pela busca da univocidade de sentido, isto é, de uma fundamentação única, doadora de sentido a todo o restante. A finalidade da argumentação é ser uma solução para o problema do mal, criando subsídios racionais para sua existência e uma apologia à sua parte oposta boa, isto é, à existência de um Deus Bom. Os meios deste movimento de argumentação são lógicos e, conseqüentemente, filosóficos, o que nos leva a notar, como Ricoeur, que a linguagem da teodiceia é repleta de termos da filosofia, “tais como *ser, nada, causa primeira, finalidade, infinito, finito, etc.*” (RICOEUR, 1988, p.35).

Estes princípios compõem as diretrizes da ulterior avaliação do problema do mal no núcleo do racionalismo ético. Para Ricoeur três autores são fundamentais e emblemáticos ao se tratar deste problema: Leibniz, Kant e Hegel.

Leibniz, com sua Teodiceia, é o modelo do gênero, pois

por um lado, todas as formas de mal, e não somente o mal moral (como na tradição agostiniana), mas também o sofrimento e a morte, são consideradas e colocadas sob a denominação de *mal metafísico*, que é o defeito fatal de todo ser criado, se é verdade que Deus só saberia criar um outro Deus. Por outro lado, produz na lógica clássica um enriquecimento, ao acrescentar ao princípio da não-contradição o princípio da razão suficiente, que se anuncia como princípio do melhor, desde que se conceba a criação como proveniente de uma competição no entendimento divino, entre uma multiplicidade de modelos de mundo, dos quais um único compõe o máximo de perfeições com o mínimo de defeitos (RICOEUR, 1988, p. 35).

Kant, para Ricoeur, é aquele que dá “o golpe mais rude, embora não fatal” (1988, p. 37) à onto-teologia e, por conseguinte, à teodiceia construída de Agostinho até Leibniz.

Conhece-se o implacável dismantelamento da teologia racional operado pela Crítica da Razão Pura na sua parte intitulada “Dialética Transcendental”. Privada de seu suporte ontológico, a teodiceia integra-se no item de “ilusão transcendental”. Não quer dizer que o problema do mal desapareça da cena filosófica. Bem ao contrário. Desliga-se unicamente da esfera prática, como o que não deve ser e que a ação deve combater. O pensamento encontra-se, assim, numa situação comparável àquela onde Agostinho o tinha conduzido: não se pode mais perguntar de onde vem o mal, mas por que nós o praticamos. Como no tempo de Agostinho, o problema do sofrimento é sacrificado pelo problema do mal moral (RICOEUR, 1988, p. 37).

Temos, em Kant, para Ricoeur, fundamentalmente, o problema do mal moral, tal como em Agostinho, porém com duas diferenças: a primeira é que o sofrimento não mais está conectado a moralidade, isto é, não se trata de uma punição, mas é compreendido numa perspectiva individual e, concomitantemente, cosmopolita; e a segunda é o tratamento da questão do mal radical, rompendo com a ideia de pecado original, pois o mal não é mais a origem do sofrimento, mas a “máxima suprema que serve de fundamento subjetivo último a todas as máximas más de nosso livre arbítrio; esta máxima suprema fundamenta a *propensão* (*Hang*) ao mal em todo o gênero humano ao encontro da *predisposição* (*Anlage*) ao bem, constitutiva da vontade boa” (RICOEUR, 1988, p. 38).

Ricoeur afirma, com Kant, que o problema do mal é insondável, isto é, o mal existe, porém não é possível mensurá-lo, não é possível objetificá-lo, pois é mistério. O sofrimento existe na humanidade, porém não é uma retribuição à má ação ou mesmo ao pecado. O mal do sofrimento é, também, insondável. O mal que puxa o homem ao mal, por causa de sua inclinação, não pode ser sondável, pois não se apresenta como objeto cognoscível à consciência, pois já é o mal o que faz com que o homem penda para o mal. Por isto fica evidente que, para Ricoeur, o mal não tem existência, mas é um conceito, um apotegma que lança os homens em direção à execução de uma ação má e essa ação, sim, existe no mundo, mas ainda de modo inexplicável. Sendo assim o mal radical nos lança ao disparate de sua ocorrência, sem existência, sem razão última, porém unicamente fruto de uma propensão à uma máxima má.

Considerando a notável contribuição legada por Hegel à compreensão do problema do mal, Ricoeur prossegue sua avaliação da Teodiceia no rastro deixado por Kant e Leibniz.

A dialética faz assim coincidir, em todas as coisas, o trágico e o lógico: é necessário que alguma coisa morra para que alguma coisa maior nasça. Neste sentido, a infelicidade está em todo lugar, mas em todo o lugar ultrapassada, na medida em que

a reconciliação a conduz sempre a uma dilaceração. Assim Hegel pode retomar o problema da teodiceia do ponto onde Leibniz o tinha deixado, por falta de recursos diferentes do princípio da razão suficiente (RICOEUR, 1988, p. 39).

Para Ricoeur a resposta à especulação sobre o problema do mal e do sofrimento dada por Hegel, como um todo, é semelhante àquela dada por Leibniz, porém avança naquilo que toca a dimensão situacional que, em Hegel, adquire maior importância e relevância. Dois textos fundamentais de Hegel são tomados por Ricoeur no estágio da teodiceia: a *Fenomenologia Do Espírito*, no qual nosso autor verifica a dissolução da visão moral do mundo; e a *Introdução à filosofia da história*, onde ele marca a dissociação da reconciliação com a consolação.

Seja com a Teodiceia de Leibniz, seja com a Crítica da Razão Pura de Kant ou, ainda, com a Fenomenologia do Espírito de Hegel, o problema do mal continua sendo um mistério. Ricoeur avança com o estágio da dialética quebrada.

6 O estágio da dialética quebrada

O estágio da dialética quebrada é o quinto nível de discurso na reflexão sobre o mal no qual ele se demonstra como inconciliável à bondade de Deus e da criação e que opera como mão esquerda de Deus.

Ricoeur apresenta o teólogo Karl Barth como perfeita réplica a Hegel, pois, para Barth, “só uma teologia “quebrada”, isto é, uma teologia que teria renunciado à totalização sistemática, pode se engajar na via temível de pensar o mal” (RICOEUR, 1988, p. 43). Se de um lado ele se apresenta como um herdeiro e parte do grupo da teodiceia, onde a ideia de mão esquerda coaduna o mal à bondade da criação; de outro lado ele traz uma inovação que lança o problema num novo estágio, o da dialética quebrada, onde o mal é paradoxo, tal como na interpretação Kierkegaardiana, o que elimina toda possibilidade de conciliação.

Quebrada é com efeito, a teologia que reconhece ao mal uma realidade inconciliável com a bondade da criação. Atesta realidade, Barth reserva o nome de *das Nichtige* com o fim de distingui-la radicalmente do lado *negativo* da experiência humana, só levada em conta por Leibniz e Hegel. É preciso pensar um nada hostil a Deus, um nada não somente de deficiência e privação, mas de corrupção e de destruição (RICOEUR, 1988, p. 43).

O termo, em alemão, *das Nichtige* significa o nada, mas implica, em si, a nulidade do nada, ou seja, o que é vão no nada. O *das Nichtige* de Barth, na interpretação de Ricoeur, é um algo insondável, como o mal radical de Kant, contudo Barth não se omite quanto ao mal

que é sofrimento, compreendendo-o não como retribuição, mas como a mão esquerda de Deus operando no mundo. O mal é, então, aquilo que corrompe, destrói, aniquila o ser humano.

Ricoeur nota que há, paradoxalmente, em Barth, uma condenação sem conciliação entre a mão direita e a mão esquerda de Deus.

O nada também vem de Deus, mas em outro sentido, diferente da proveniência da criação boa, isto é, para Deus, eleger no sentido de eleição bíblica, é rejeitar algo que, por ser rejeitado, existe sob o modo de nada. Este lado de rejeição é de alguma forma “a mão esquerda” de Deus. “O nada é o que Deus não quer. Ele só existe porque Deus não o quer.” (Ibid., p. 65) De outro modo, o mal só existe como objeto da cólera de Deus. Assim, reino sobre o nada permaneça não-condenável como primeiro constitui o *opus alienum* de Deus, distinto de seu *opus proprium*, cheio de graça. Uma frase resume este estranho movimento de pensamento: “Porque Deus reina também à mão esquerda, ele é a causa e o mestre do próprio nada.” (Ibid., p. 64) (RICOEUR, 1988, p. 45).

Ricoeur constata que o mal, para Barth, existe na medida em que é o negado por Deus, porém assumido pelo homem em sua falibilidade e, às vezes, como tentativa de negação a Deus.

Considerações finais

Os estágios do entendimento sobre o mal, apresentados por Ricoeur, nos dão um pré-texto à discussão ética que decorre do mistério da existência do mal. Ricoeur é herdeiro dos clássicos, porém inova em sua reflexão e vê o mal de modo personalista onde o pano de fundo não é apenas o problema da existência do mal, mas como este mal está e se dá no mundo.

Sendo a filosofia de Ricoeur uma filosofia da ação, ela está sempre pautada pelo homem agente, isto é, o homem em ação, o homem em situação. Por isso o mal não se torna mais um problema no que toca à contradição que há entre a existência do mesmo e a existência de Deus, mas se torna um problema em relação ao homem que especula e reflete sobre o mal, que penetra o mal e que, sobretudo, sofre o mal.

Ricoeur, concluindo o artigo que nos serviu como guia, *O Mal: um desafio à filosofia e à teologia* (1988), deixa claro que o problema do mal não é somente um problema reflexivo ou especulativo, mas exige a convergência entre pensamento, ação e transformação. Para Ricoeur o enigma do mal e do sofrimento, só será colocado às claras quando a luta e a resistência, não violenta, contra o mal forem parte central da existência e da condição humana.

Referências

KANT, Immanuel. A Religião dentro dos limites da simples razão. In: **Os Pensadores**, São Paulo: Nova Cultural, 1980.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis: Vozes, 2007.

RICOEUR, Paul. **Amour et justice**. Paris: Seuil, 1990.

_____. **Le juste 1**. Paris: Seuil, 1995.

_____. **Le juste 2**. Paris: Seuil, 2001.

_____. **O conflito das interpretações**. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

_____. **O mal**: um desafio à filosofia e à teologia. Campinas: Papirus, 1988.

_____. **Philosophie de la volonté**. Paris: Seuil, 1950.

_____. **Soi-même comme un autre**. Paris: Seuil, 1991.

_____. **The symbolism of evil**. Boston: Beacon Press, 1969.